



Carta aberta a todos os revolucionários

Pela Unidade dos Revolucionários na Luta Contra o avanço da contra-revolução!

Publicado pela Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), 29/12/2015

Enquanto a crise do capitalismo está se aprofundando e provocando mais e mais miséria e guerras, a classe operária e os oprimidos estão politicamente desorientados por suas lideranças populistas e reformista. A paralisia política resultante cria um tremendo perigo para as massas populares, que são confrontados com uma nova fase política da ofensiva contra-revolucionária da burguesia. Em tal situação é de extrema urgência para os revolucionários em avançar a luta por um novo Partido Mundial da Revolução Socialista e, portanto, como um primeiro passo, para procurar a unidade com base em um acordo sobre as tarefas cruciais programáticas e organizacionais da luta de classes de hoje.

A situação atual do mundo não pode ser entendida fora do contexto do período histórico mundial que abriu com a Grande Recessão em 2008. Este período de longo prazo é caracterizado pela queda da taxa de lucro e da decadência capitalista. Neste contexto, a burguesia de todo o mundo tem menos espaço de manobra para dar quaisquer concessões à trabalhadora.

Como resultado, os capitalistas são obrigados a acelerar seus ataques contra a classe trabalhadora e contra as massas populares como exemplificado pelos inúmeros programas de austeridade e privatizações na Grécia, Portugal, Espanha, Brasil, África do Sul, etc., bem como os ataques aos direitos dos trabalhadores como podemos ver por exemplo, na China, Coreia do Sul, Camboja ou Vietnã.

Pela mesma razão, os monopólios imperialistas estão a aumentar a super-exploração dos países semi-coloniais (o chamado “Terceiro Mundo”), resultando em bárbaros programas do FMI, os programas de reembolso da dívida, a grilagem de terras e aumento da pobreza como vemos na África, América Latina, Índia, Paquistão, assim como em muitos outros países. Além disso, as grandes potências e seus lacaios estão cada vez mais o envio de tropas, navios de guerra e força aérea para expandir sua influência no sul do país (por exemplo, Otan no Afeganistão, Síria e Iraque, a intervenção russa na Síria, intervenção francesa no Mali e CAR--República Centro-Africana, as tropas chinesas no Sudão do Sul, a *Missão da União Africana* na Somália etc.).

Da mesma forma, a decadência do sistema capitalista está a intensificar a rivalidade entre as grandes potências imperialistas (EUA, UE, Japão, China e Rússia). Daí, vemos um número crescente de conflitos entre as grandes potências sobre esferas de influência (por exemplo, na Ucrânia, na Síria ou no Leste da Ásia). Outros exemplos dessa rivalidade são os vários projetos do imperialismo dos EUA (por exemplo, os acordos de comércio TTP e TTIP), bem como dos novos imperialistas do Oriente (China e Rússia), que estão a desafiar a hegemonia dos velhos imperialistas ocidentais (por exemplo, o canal de Nicarágua, as Novos Bancos de desenvolvimento, a disseminação do comércio realizado em Yuan e Rublo, etc.).

O resultado desta aceleração de contradições do sistema capitalista mundial é um aumento do número de lutas de classes, revoltas populares, ofensivas reacionárias contra-revolucionárias, golpes de Estado e guerras. A revolução árabe que começou em dezembro de 2010 é um bom exemplo para isso: a classe trabalhadora e os pobres varreram brutais ditadores como Ben Ali, Kaddafi, Mubarak e Saleh. Mas a partir

do momento que as lideranças liberais e islâmicas não poderiam oferecer uma perspectiva, a Revolução também sofreu derrotas terríveis como o esmagamento dos protestos democráticos no Bahrein, o golpe de Estado do general Sisi no Egito ou o retorno da velha guarda de Ben Ali na Tunísia. Na Líbia as grandes potências apoiam as forças reacionárias ao redor de General Haftar e tentam forçar o governo burguês-islâmico em Trípoli a capitular. No Iêmen, as forças sauditas com seu fantoche Hadi invadiram o país, a fim de destruir a Revolução iemenita.

Na Síria a luta de libertação revolucionária continua, mas está enfrentando enormes ameaças. A ditadura assassina de Bashar al-Assad - com o total apoio do imperialismo russo, bem como do Irã - está continuando a guerra maciça de destruição contra o seu próprio povo. Ao mesmo tempo, a revolução síria está ameaçada pela subida do *Daesh* contra-revolucionário (o chamado “Estado islâmico”). Por último, mas não menos importante, todas as grandes potências estão unidas em sua determinação de liquidar a revolução síria, uma vez que temem tanto a desestabilização da ordem imperialista em toda a região, bem como ondas crescentes de refugiados que vêm para a Europa.

A ondas de lutas populares na América Latina na última década formaram o pano de fundo para a eleição de um certo número governos populistas burgueses e governos de frente popular (por exemplo Rouseff no Brasil, Chavez / Maduro na Venezuela, Morales na Bolívia, Correa no Equador, e Kirchners na Argentina). Esses governos - dominados por um setor da burguesia e governando pelos interesses da burguesia, mas também tendo como base de apoio os trabalhadores e organizações populares - puderam oferecer algumas concessões às massas populares, a partir do momento em que eles experimentaram uma certa retomada econômica com base em sua intensificação de empréstimos comerciais e estrangeiros e dos investimentos por parte da China imperialista. No entanto, com a desaceleração da economia da China e os esforços de intensificação do imperialismo dos EUA para recuperar a hegemonia no seu “quintal”, o modelo burguês-reformista do Castro-chavismo está esgotado e tem desiludido as massas.

Grécia, uma semi-colônia moderna no Sul da Europa, é o exemplo mais proeminente da pressão brutal que os países europeus mais pobres estão sofrendo pela UE e pelos monopólios imperialistas. No entanto, a Grécia tem sido também a vanguarda da luta de classes Europeia nos últimos anos, com até 40 greves gerais. Como resultado, o partido SYRIZA de esquerda reformista foi eleito para o governo em janeiro de 2015. No entanto, fiel à sua natureza como um partido operário burguês, abertamente traiu a classe trabalhadora com a da formação de uma frente popular com o racista partido ANEL de extrema-direita e por ter capitulado aos programas de austeridade impostos pela UE, apesar da tremenda vitória para o OXI (“Não”) no referendo em 5 de julho.

As contradições de aceleração do capitalismo estão provocando a luta de classes, bem como os ataques da burguesia em todas as partes do mundo. Na China - um país capitalista, que se tornou o lar do maior número de bilionários em todo o mundo, bem como do segundo maior número de empresas multinacionais - os trabalhadores e os pobres rurais estão ganhando confiança

para expressar sua repulsa contra os capitalistas, os gerentes e os burocratas. De acordo com o *China Labour Bulletin*, baseada em Hong Kong, o número relatado de greves e protestos no país dobrou a cada ano desde 2011. Da mesma forma, a Índia viu em 02 de setembro de 2015 uma da maior greve geral em sua história com 150 milhões de pessoas participando. No Paquistão também, os trabalhadores continuam a resistir aos patrões e aos planos de privatização governamentais, como exemplificado pelos trabalhadores de energia. Na Tailândia, os operários e camponeses pobres ainda estão sofrendo com a grave derrota de maio 2014, quando os militares lançaram um reacionário golpe de Estado para derrubar o governo burguês-populista do governo do primeiro-ministro Yingluck Shinawatra.

Na África do Sul a classe trabalhadora e a juventude continuaram a lutar contra o governo de Frente Popular do ANC de Jacob Zuma apesar do massacre ultrajante em Marikana em agosto de 2012. O rompimento da federação sindical COSATU de seu único grande sindicato NUMSA foi um passo correto para o avanço, assim como as últimas tentativas para formar um movimento político. Apesar de suas deficiências reformistas, este projeto esperançosamente leva a conduzir à formação de um novo partido de trabalhadores. Da mesma forma, os protestos em massa dos trabalhadores e pobres no Burundi contra seu a longo tempo ditador Pierre Nkurunziza demonstraram que as massas africanas não estão dispostas a sucumbir aos seus ditadores reacionários e lacaios do imperialismo.

No entanto, apesar de suas lutas heroicas a classe trabalhadora e os oprimidos não têm sido capazes de parar de programas de austeridade da burguesia, a ofensivo anti-democrático e a guerra imperialista. Pior, em um número de países a classe dominante lançou ofensivas contra-revolucionárias.

No Oriente Médio e Norte da África as grandes potências e os seus lacaios locais tentam estrangular a revolução árabe via apoiando velhas e novas ditaduras, bem como por intervenções militares estrangeiras.

Na América Latina, importantes setores da burguesia lançaram uma ofensiva contra-revolucionária, a fim de depor os governos de Frente Popular. Eles derrotaram o governo Kirchnerista na Argentina, enfraqueceram substancialmente o governo Maduro em Venezuela e tentam fazer o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil.

Na Europa a classe dominante está encorajando o chauvinismo contra os migrantes - particularmente de origem muçulmana - e já começou um processo sistemático de militarização e repressão doméstica. O presidente francês, Hollande declarou estado de emergência de três meses (com o apoio do ex-stalinista PCF e a Frente de Esquerda!), maciçamente estendeu o poder legal do aparelho estatal repressivo e acelerou a intervenção militar imperialista na Síria. Grã-Bretanha e Alemanha seguiram rapidamente com a mesma medida. As classes dirigentes da UE imperialista temem a massa de refugiados que vêm para a Europa (cerca de um milhão em 2015) e tentam fazer com que as pessoas esqueçam que eles apenas estão enfrentando as consequências de sua bárbara ordem mundial!

Todos estes acontecimentos marcam o início de uma nova fase política: uma fase temporária caracterizada pela ofensiva contra-revolucionária mundial da classe dominante que leva a mais programas de austeridade, repressão doméstica e guerras imperialistas e que irá provocar a resistência de massas da classe trabalhadora e dos oprimidos.

Infelizmente, a classe trabalhadora e os oprimidos sofrem as consequências de uma falta de liderança revolucionária. A sua resistência é impedida pela natureza reformista, populista e burocrática de suas lideranças. Os líderes oficiais dos sindicatos e organizações populares, dos partidos reformistas e burgueses e pequeno-burgueses populistas (por exemplo, as Castro-chavistas, Kirchneristas, e o PT de Rousseff e de Lula na América Latina, SYRIZA na Grécia e outros social-democratas na Europa,

os stalinistas na Índia ou os maoístas no Nepal), bem como das várias vertentes do islamismo (por exemplo, a Irmandade Muçulmana, vários grupos rebeldes na Síria ou os houthis no Iêmen) - todos eles falharam em oferecer os trabalhadores e as massas populares caminho fora de miséria capitalista e da humilhação. A sua natureza política - independentemente das suas "radicais" proclamações oficiais - é manter-se ou tornar-se parte do aparelho de Estado da classe dominante capitalista. Não é, portanto, surpreendente que muitas vezes eles têm sido, ou aspiram a tornar-se, um aliado de uma ou várias grandes potências imperialistas.

Os centristas de várias cores - "revolucionários" em palavras, oportunistas em ações - são por demais parte do problema do que parte da solução. Como regra geral, eles de forma oportunista se adaptam diretamente ao aparato burocrático das organizações de massa e, assim, indiretamente, a esta ou aquela grande potência imperialista. Nós nomeamos, entre muitos outros: o CIT-(Comitê por Uma Internacional de Trabalhadora)liderado por Peter Taffee, o CMI (Corrente Marxista Internacional) de Alan Woods, os lambertistas, bem como o mandelista NPA na França, que de forma consistentemente deixam de apoiar a resistência contra a ocupação imperialista nos países que são vítimas de sua potências imperialistas (por exemplo, Afeganistão, Iraque, Mali, etc.); a morenista LIT que saudou o golpe de Estado no Egito (assim como o CMI), bem como o reacionário movimento Euro-Maidan na Ucrânia (como o também fez o morenista UIT-Unidade Internacional de Trabalhadores); os centristas franceses como o LO-Luta Operária que apoiam a supressão do direito das muçulmanas femininas de usar o hijab nas escolas; os centristas britânicos que apoiaram a greve chauvinista "empregos britânicos para os trabalhadores britânicos" em 2009, denunciou a agosto levante em 2011 e que se opõem à defesa de "fronteira aberta para os Imigrantes" (como o CIT e o CMI); vários centristas que se recusam a defender a revolução síria, mas preferem tomar uma posição neutra (CIT, CMI, PTS / FT); os Clifitistas (do SWP na Grã-Bretanha), que oportunisticamente encontraram um lugar de convivência pacífica na facção parlamentar de esquerda reformista e pró-sionista LINKE na Alemanha e que conseguiram o absurdo político de apoiar Morsi da Irmandade Muçulmana no Egito em 2012, a recusar defender a Irmandade Muçulmana contra os massacres de Geral Sisi no verão de 2013 e de colaborar com apoiadores de golpe na chamada *Caminho da Frente da Revolução*; ou esses centristas que muitas vezes de forma oportunista se adaptaram aos Castro-chavistas (por exemplo, os lambertistas no Brasil) e / ou os que mais recentemente e escandalosamente apoiaram a direita, oposição pró-EUA contra Chávez (por exemplo, Chirino / UIT na Venezuela em 2013) ou contra o governo do PT brasileiro (por exemplo, apoio do morenista LIT e UIT ás manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff).

Devemos escolher um caminho diferente. Enquanto a classe trabalhadora e os oprimidos não possuem um partido revolucionário de combate - tanto nacional como mundial - eles não podem ter sucesso em sua luta de libertação. Portanto, a tarefa mais urgente no período atual é oportuna construção dos partidos revolucionários e de um novo Partido Mundial da Revolução Socialista. Esses novos partidos revolucionários são construídos na luta de classes, assim como na luta contra as direções oficiais - os burocratas trabalhistas traiçoeiros, a social-democracia, os estalinistas, os pequeno-burgueses nacionalistas e os islamistas - que, consciente ou inconscientemente enganam os trabalhadores e os oprimidos.

Para fazer progressos significativos nesta tarefa, a unidade dos revolucionários em todo o mundo é altamente desejável. Tal unidade pode alcançar a construção de uma forte organização bolchevique internacional que compartilhe um programa comum, bem como a compreensão comum dos métodos de construção do partido e, portanto, servir como uma formação

pré-partido para o novo Partido Mundial da Revolução Socialista (que em nossa opinião será a Quinta Internacional).

Confrontado com o avançar da contra-revolução no início de uma nova fase política, o CCRI chama todas as sinceras organizações revolucionárias e ativistas ao redor do mundo para se unirem na luta pelo autêntico marxista - o que significa o bolchevismo aplicado para as condições do século 21 - organização internacional. Tal organização internacional precisa de clareza teórica e prática. Eles devem estar baseados em uma compreensão conjunta da aplicação do programa revolucionário para a principal questão da atual luta de classe internacional. Eles não só devem proclamar o caminho para a libertação, mas também devem nomear e lutar contra todos os obstáculos. Em outras palavras, eles devem assumir a luta contra as numerosas forças de esquerda-reformistas e centristas que desorientam e enganam a classe trabalhadora sob a bandeira do "marxismo" - que é um "marxismo" sem o seu objetivo revolucionário, um "marxismo" convenientemente e oportunisticamente adaptado a todos as possíveis lideranças não operárias (reformistas, populistas, islamitas etc.) ou um "marxismo", que vegeta na sectária remoção da luta de classes.

Por uma abordagem revolucionária para as questões candentes da Luta de Classes Mundial

A clareza e unidade programática deve ser analisado com base nas questões mais importantes da luta de classe mundial, tais como as seguintes.

* *Defender a revolução árabe contra seus inimigos estrangeiros e nacionais!* Abaixo as ditaduras reacionárias na Síria, Egito, assim como as monarquias do Golfo! Não ao retorno da camarilha de Ben Ali na Tunísia! Contra a gangue do general Haftar na Líbia! Pela república dos trabalhadores e camponeses!

* *Solidariedade internacional com a continuação da Revolução Síria!* Continuar a luta até que todo o aparato de Estado baathista seja esmagado! Abaixo a intervenção militar da Rússia, bem como dos imperialismos francês, dos Estados Unidos, do imperialismo britânico e alemão! Não a qualquer solução negociada pelas grandes potências! Pelo direito do povo curdo à autodeterminação nacional! Abaixo o reacionário Daesh (Estado Islâmico)!

* *Esmagar o Estado imperialista de Apartheid de Israel!* Por uma República palestina socialista de trabalhadores e camponeses multinacionais desde rio até o mar ("Por uma Palestina livre e Vermelha!")! Não a qualquer Solução dos Dois Estados! Vitória para a Resistência Palestina! Pela solidariedade popular internacional dos trabalhadores, como a campanha de Boicote!

* *Abaixo com agressões e guerras imperialistas!* No Afeganistão, Iraque, Síria, Iêmen, Mali, Somália e Coreia do Norte: Derrotar a OTAN imperialista e as forças russas e seus aliados locais! Nós estamos do lado daqueles que resistem aos invasores imperialistas, sem dar qualquer apoio político para a nacionalista, os islamitas ou as forças stalinistas!

* *Deter a ofensiva contra-revolucionária na América Latina!* Não para o impeachment do governo Dilma Rousseff no Brasil! Não para o governo de direita de Macri na Argentina! Por uma frente única de massa de trabalhadores e organizações populares que deve incluir aqueles sob a influência dos reformistas e populistas (como os Kirchneristas, Castro-chavistas, etc.)! Mas nenhum apoio político para qualquer governo burguês-populista ou de frente popular! Expropriar as corporações multinacionais dos EUA, da UE e da China! Defende a Argentina contra o imperialismo britânico e chutar a Grã-Bretanha das Malvinas!

* *Defender os direitos democráticos contra as ditaduras e semi-ditaduras!* Por frentes únicas de massa de trabalhadores e organizações populares - incluindo aquelas liderados por reformistas, por forças populistas e islâmicas - contra os regimes bonapartistas reacionários (por exemplo, Egito, Tailândia, Burundi, etc.)

* *Apoiar a luta de todas as nações oprimidas pela auto-determinação!*

Liberdade para Azawad (Mali), a Chechénia, Leste-Turquemenistão (China), Balochistão, Kashmira, Irlanda do Norte, País Basco, Catalunha, e todas as outras nações oprimidas! Apoiar a luta da minoria afro-americana nos EUA (como o movimento *Black Lives Matter*), assim como dos nativos / indígenas da América do Norte e América do Sul para a libertação!

* *Igualdade de direitos para os imigrantes!* Nenhum controle de imigração nos países imperialistas! Igualdade de salários e plenos direitos de cidadania! Igualdade para os migrantes e as línguas nacionais das minorias no setor da educação e da administração pública! Por um movimento revolucionário dos imigrantes!

* *Lutar contra o chauvinismo e militarização na Europa!* Levantar o estado de emergência em França! Nenhum envio do exército nas ruas da Europa! Todas as tropas europeias fora da África do Norte e Oriente Médio! Defender os imigrantes muçulmanos contra o racismo islamofóbico! Direitos iguais para os muçulmanos! Não à prisão em massa contra os islâmicos! Abrir as fronteiras para os refugiados!

* *Greves gerais contra a ofensiva austeridade!* Parar os ataques sobre os salários e os direitos dos trabalhadores! Sem mais privatizações! Cancelar a dívida pública! Nacionalizar todas as empresas que despedem trabalhadores ou declaram falência sob controle dos trabalhadores! Expropriar os bancos e corporações!

* *Apoiar a luta dos trabalhadores gregos e pobres contra a UE-Troika!* Por uma greve geral por tempo indeterminado contra o Terceiro Memorando! Sair da UE e lutar por um governo dos trabalhadores! Esmagar a UE imperialista pela Revolução Socialista! Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!

* *Abaixo todas as grandes potências imperialistas - EUA, UE, Japão, China e Rússia!* Em qualquer conflito político, econômico ou militar entre estas grandes potências, o movimento operário não deve dar qualquer apoio a um deles, deve seguir o programa Leninista do derrotismo revolucionário e declarar: o principal inimigo está em casa!

* *Para Liberação das Mulheres através da revolução socialista!* Apoiar a luta dos Dalit e outras mulheres na Índia contra a opressão sistemática! Unidades de auto-defesa de Trabalhadores e dos pobres para a defesa das mulheres contra a violência! Igualdade de salários para as mulheres! Pela a socialização dos trabalhos domésticos! Por um movimento revolucionários de mulheres da classe trabalhadora!

* *Pela libertação da juventude!* Abaixo a repressão do Estado contra a juventude! Vingar o assassinato dos 43 alunos de Ayotzinapa em México! Solidariedade com os jovens imigrantes na França e na Grã-Bretanha lutando contra a opressão! Apoiar os protestos dos estudantes sul-Africanos! Por um movimento revolucionário da juventude!

Ao contrário do que os reformistas burocratas como o Castro-chavistas, como o Partido da Esquerda Europeia ou o PC (Partido Comunista) indiano, os revolucionários rejeitam a ilusão de que tais demandas imediatas, para não falar de todo o programa, podem ser realizadas dentro do sistema capitalista. Mesmo as aplicações temporárias de tais exigências não podem ser alcançadas através dos métodos reformistas com foco em eleições, no trabalho parlamentar ou reformas. O capitalismo em decadência é incapaz de oferecer quaisquer reformas duradouras significativas.

Em vez disso, os revolucionários insistem em que a luta de libertação tem de ser conduzida por meio de luta de classes sem concessões e pelo avanço da auto-organização dos trabalhadores e dos oprimidos. É por isso que os revolucionários apoiam todas as formas de luta de massas de acordo com as circunstâncias concretas - começando com as *manifestações em massa, greves e greves gerais, ocupações de até insurreições armadas e guerras civis*. Da mesma forma, os revolucionários chamam em todas as lutas para a *formação de comitês de ação* dos trabalhadores, da juventude e das massas populares nos locais de trabalho, bairros, vilas,

escolas e universidades. Além disso, os revolucionários chamam para a formação de *unidades de autodefesa* para defender greves e manifestações, bem como os imigrantes ou refugiados contra a polícia e os fascistas. Em situações agudas de lutas de classes, tais organismos podem ser expandidos para que os comitês de ação possam tornar-se *conselhos* (como os soviéticos na Rússia, em 1917), respectivamente, *os trabalhadores armados e milícias populares*.

Rejeitamos qualquer forma de sectarismo quanto às organizações de massas da classe trabalhadora. A aplicação da tática da frente única nos sindicatos e outras organizações de massa de trabalhadores é um elemento fundamental na realização do objetivo estratégico de conseguir que a classe trabalhadora a romper com a burocracia traidora. Essa tática deve estar centralizada em atividades práticas e tem de incluir o mobilizar e organizar os membros da base, colocando exigências nos líderes, advertindo os trabalhadores contra ter quaisquer ilusões na liderança burocrática, bem como fazer agitação independente e propaganda. Assim, a tática da frente única deve ir de mãos dadas com denúncias fortes contra burocracia e a recusa de qualquer bloco estratégica com qualquer de suas facções de “esquerda” deles.

Trabalhar dentro dos sindicatos e outras organizações de massa, a fim de revolucioná-los permanece crucial. Os comunistas devem se organizar em facções e ajudar a construir um amplo movimento de bases para lutar contra a burocracia privilegiada e, finalmente, derrotá-las. No entanto, os revolucionários também estão cientes de que os sindicatos costumam organizar apenas uma pequena minoria da classe trabalhadora. Da mesma forma, os sindicatos são muitas vezes dominados pela aristocracia operária ou pelos setores mais abastados do proletariado. Por isso, é crucial usar todas as oportunidades para construir comitês de fábrica e organismos semelhantes nas lutas, a fim de ampliar a base. Além disso, os revolucionários devem se esforçar para organizar os estratos mais baixos da classe operária e das camadas oprimidas nos sindicatos e para trazer representantes dessas camadas em posições de liderança para que a dominância da camada aristocrática possa ser eliminada.

Os revolucionários devem combinar a sua participação na luta de classes com um programa para o poder da classe trabalhadora. Isto significa a renúncia total do ELP de stalinistas e vários centristas (por exemplo, do CIT, CMI) irrealista de um caminho pacífico, parlamentar para o socialismo. Isso significa lutar para a construção dos conselhos de ação dos trabalhadores, dos camponeses e pobres, de milícias populares armadas, a expropriação da classe capitalista e por um governo dos trabalhadores aliada com os camponeses e pobres urbanos e com base em conselhos e as milícias locais. Isso significa preparar a classe operária para a insurreição armada, a guerra civil e a ditadura do proletariado como o único meio pelo qual o proletariado pode avançar na luta pela libertação.

Uma Organização Internacional Revolucionária como a Ferramenta essencial para Lutar pelo Programa

Estas são algumas das perguntas mais importantes da luta de classes mundo de hoje. Clareza programática sobre o que fazer e o que não fazer, são básicos para uma unidade revolucionária sustentável. No entanto, não é suficiente chegar a um acordo sobre o programa. É preciso saber como lutar para o programa. Em suma, o que é necessário é a congruência do tipo de organização de combate que é a ferramenta para colocar o programa como realidade na luta de classes.

Os Revolucionários rejeitam todos os conceitos que enaltecem os chamados “grandes, pluralistas, partidos de esquerda” como o caminho a seguir. Certamente, estamos em favor de maior flexibilidade organizacional e tática no sentido de formações políticas que representam camadas radicalizadas

de trabalhadores e oprimidos (incluindo táticas como a entrar nesses tipos de partidos como uma facção revolucionária ou chamando para novos partidos operários). Mas rejeitamos categoricamente o conceito de “pluralistas, partidos de esquerda” como um caminho a seguir, porque isso normalmente significa unidade entre burocratas e trabalhadores, de apoiantes e opositores das guerras imperialistas, de apoiantes da estrada parlamentar pacífica, bem como do caminho revolucionário. Em suma, como “União de Esquerda” funciona como a unidade para paralisar as atividades revolucionárias, portanto, é uma unidade inútil. O que a classe trabalhadora precisa é de um partido revolucionário de combate e isto tem que ser abertamente a ser proclamado.

A luta por um autêntico partido revolucionário mundial na tradição de Marx, Engels, Lênin e Trotsky é o desafio mais importante para os comunistas de hoje. Certamente, no momento nós somos demasiado pequenos em números e não suficientemente enraizados na classe operária. Mas as grandes realizações na história da humanidade nunca são presentes do céu, mas são alcançados pelo trabalho duro e sistemático. Formar uma unidade internacional dos oprimidos e trabalhadores revolucionários organizados determinados, com base em um programa comum e uma compreensão conjunta de seus métodos práticos e organizacionais é o pré-requisito mais importante para construir uma nova, Internacional revolucionária. Isto será fundamental para ganhar outros e maiores setores dos trabalhadores de vanguarda em uma data posterior.

Não existe nenhum caminho nacional para construir um partido mundial, mas apenas um caminho internacional. Por isso, um verdadeiro partido revolucionário, bem como organização pré-partido devem existir como uma formação internacional desde o início. Sem uma organização internacional, o centrismo nacional e finalmente os desvios nacionalistas são inevitáveis. Não há consciência sem matéria, nenhum espírito sem corpo.

Da mesma forma, um partido revolucionário, bem como a organização pré-partido deve basear-se nos métodos organizativos do bolchevismo (centralismo democrático, organização de quadros, etc.). O partido deve orientar-se para ganhar os melhores militantes entre a classe trabalhadora e os oprimidos - em especial os das camadas mais baixos e médias. Por isso, rejeitamos a orientação da maioria das organizações centristas orientadas à intelectualidade de classe média, bem como orientadas à burocracia operária e à aristocracia. Esse trabalho não pode ser conduzido somente por meio propaganda, mas tem de ser combinado com o exemplar trabalho de massa. Camaradas, nós estamos vivendo em tal período complexo, tempestuoso, que é tão rica em mudanças e transformações - é um tempo para superar a rotina e dar passos corajosos adiante! O CCRI chama todos os combatentes para a libertação da classe operária e os povos oprimidos de todo o mundo para unir forças na luta pela construção de um novo partido revolucionário mundial. Dadas as diferentes tradições e posições, pode ser necessário para primeiro formar um bloco ou Comitês de Ligação entre várias organizações antes que possamos alcançar a unidade revolucionária. O que seriam etapas intermediárias, o objetivo deve ser o mesmo: *a unidade revolucionária para construir um novo Partido Mundial da Revolução Socialista!*

Não há futuro, sem o socialismo!

Não há socialismo sem revolução!

Não há revolução sem um partido revolucionário!

Nós incentivamos as organizações e ativistas que compartilham as perspectivas de gerais desta Carta Aberta a entrar em contato conosco e nos enviar suas ideias e críticas para que possamos discutir medidas concretas para discussão conjunta e colaboração: rcit@thecommunists.net

O CCRI tem seções e militantes no Paquistão, Sri Lanka, Iêmen, Tunísia, Israel/ Palestina Ocupada, Brasil, Grã-Bretanha, Alemanha, EUA, e Áustria.